

# A fonte da paz



Prem Rawat entrevistado por Giovanna Tassi  
(Televisão Pública do Equador)

Entrevistadora: Chamo-me Giovanna. É um prazer conhecê-lo e entrevistá-lo. Bem-vindo ao Equador. Queria perguntar-lhe, antes de mais, quem é Prem Rawat?

P.R.: Obrigado. Desde que aqui estou tenho-me sentido sempre calorosamente recebido. Os corações das pessoas do Equador são muito calorosos. Quem é Prem Rawat? É uma pergunta interessante. Desde muito novo, compreendi uma coisa: que precisava de estar preenchido interiormente. Não de preencher as minhas ideias porque não estava no meu controlo as coisas preencherem as minhas ideias. Mas tinha de me sentir preenchido. Esse preenchimento vem de uma parte muito profunda dentro de mim, não de fora de mim. Preencher as coisas do exterior estava bem: quando chegava um aniversário, ou se queria um brinquedo, ter este amigo ou aquele amigo. E quanto ao interior?

Nos intervalos do almoço, sentava-me isolado de todos e só pensava: "Qual é a possibilidade aqui? O que está disponível aqui? Posso estar preenchido? Posso ter esse sentimento dentro de mim?" E a resposta era sempre "Sim, podes estar preenchido." Então, quando essa possibilidade veio à minha vida, de reconhecer, de poder virar-me para dentro, aproveitei-a. Agarrei-a, em vez de a abandonar, em vez de a deitar fora, em vez de a tornar insignificante, em vez de não reconhecer o seu valor.

Porque para muitos de nós certas coisas é que são importantes, o que está a acontecer na tua vida é que é importante. Mas tudo isso é transitório: hoje estão aqui, amanhã estão ali. Mas nós somos nós. Tenho fotografias minhas de quando era muito jovem. Um dia estava a olhar para elas, devia ter dois ou três anos e pensei: "Gostava de saber para onde foi aquela criança?" Porque ela não morreu, mas onde está ela? Onde está essa criancinha que costumava brincar, que fazia as

coisas que fazia. Onde está ela? E compreendi que era eu mas não sou eu. Sou eu mas não sou eu. São essas as transições da nossa vida. Mudamos, mudamos e mudamos. Mas ainda há uma coisa dentro de mim que estava lá quando eu tinha dois anos e que não mudou: a minha busca, o meu desejo de estar preenchido. Compreender isto é muito importante. Se não tivermos sede, não vamos procurar água. Mas se tivermos sede, vamos. E se tivermos mesmo muita sede, vamos encontrá-la.

Entrevistadora: Então é um caminho que tem de ser percorrido e depois há-de encontrar-se. Não há etapas predefinidas?

P.R.: Não. Basta ter a sede porque a nossa sede vai levar-nos lá. A sede vai levar-nos lá. E vai fazê-lo rapidamente. Quando se encontra essa sede, quando se encontra essa fome – acontece.

Entrevistadora: Sou uma jornalista. Essas palavras são muito bonitas mas preciso de factos, de coisas palpáveis. Se isto é tão simples, porque é que o mundo funciona exactamente ao contrário do que diz, de que é tão fácil de fazer?

P.R.: Tenho a certeza que na sua vida alguma vez perdeu algo. E procurou, procurou e não encontrou. Procurou por todo o lado e talvez até tenha deixado de procurar. "Perdi-o. Não sei onde está. Talvez alguém o tenha roubado." Então um dia talvez abra uma gaveta, ou procure debaixo de uma prateleira, ou está a limpar e procura debaixo da cama. E ali está. Então, foi por ter deixado de procurar que aquilo apareceu debaixo da cama? Ou será que esteve sempre debaixo da cama, mas não procurou lá?

A beleza está lá. Estamos à procura dela? De que estamos à procura? Onde estamos a procurar? Estamos à procura de fórmulas que outros tentaram e falharam. E continuamos a repetir, a repetir, a

repetir e a repetir. Não estamos a olhar para nós como a fonte da paz. Se isto continuar, as pessoas nunca vão encontrar a paz porque ela não está lá! As pessoas tentaram. Como não funcionou, desistiram. E vem a geração seguinte e tenta a mesma coisa.

E virarmo-nos para dentro? E olharmos para nós porque somos a fonte? As palavras que acha bonitas não lhe fazem justiça. Não lhe fazem justiça. Porque esse sentimento é de longe mais profundo do que quaisquer palavras que alguma vez possa expressar. É a doce guloseima na boca duma criança de dois anos. Damos uma guloseima a uma criança de dois anos e ela não quer falar. Não quer fazer nada. Só quer desfrutar! Temos, pois, de procurar no sítio certo. Se procurarmos no sítio errado, nunca o iremos encontrar.

Entrevistadora: Mas como fazer para que esta busca pessoal se transforme em algo social? Ou seja, como fala sempre de seres humanos, como é que este ser humano pode ser um bom cidadão, para que as coisas mudem ao nível da sociedade?

P.R.: Repare, as coisas que nos interessam muito são as *manifestações* de paz. Quando as pessoas estão em paz, então as pessoas não lutam. Não há razão para lutar. Podem falar, podem chegar a outras conclusões e a outras maneiras. Porque a paz é importante. Assim, estamos tão enamorados pelas manifestações de paz que olhamos para aí. Mas tentar criar manifestações de paz sem a paz, é impossível.

Por isso as pessoas estão interessadas em acabar com as guerras. Mas ninguém está interessado para, em primeiro lugar, trazer a paz. Acham que acabar com a guerra é paz. Não, não, não, não. Primeiro arranjem a semente. Depois plantem a semente. Depois vão ter uma árvore. Depois essa árvore vai dar mangas. Então podem comer a manga e dizer: "Hum! Isto é bom!" Isso funciona. Mas dizer:

"Bem, quero uma manga, mas não tenho sementes, nem uma árvore, nem a fruta; não tenho nada, mas quero uma manga", como é que isso vai acontecer? Não é possível. E é aí exatamente o cerne da questão, porque me perguntam sempre: "Como podemos resolver isto? E este problema? Como acabar com ele?" E eu digo que não podem. Não podem. Porque se a paz não está lá e estão a tentar criar manifestações de paz sem a paz, vai ser uma situação muito difícil.

Entrevistadora: É por isso que a Fundação Prem Rawat, a sua fundação, está a apostar na educação para a paz em qualquer idade. Diz que os jovens são importantes, mas também os idosos, os recém-nascidos e os que estão quase a morrer também são importantes. A educação é a chave? Continua a ser a chave, porque sabemos o poder que a educação tem.

P.R.: Sim. E todos deviam envolver-se, todos! Não só um grupo isolado. Se são pobres, claro, absolutamente. Se são ricos, absolutamente. Se são jovens, absolutamente. Se são idosos, absolutamente. Toda a gente precisa de fazer parte disso porque de outro modo, as manifestações de paz vão falhar. E têm falhado em todo este tempo. Porque as pessoas começam guerras, depois há dois anos de paz e começa tudo outra vez. Depois há três anos de paz e começa tudo outra vez. Porquê? Porque não há paz.

Entrevistadora: Como fazer com que os governos, que têm a cargo o bem-estar dos cidadãos, que são seres humanos, tenham essas ferramentas para que possam ajudar a criar melhores seres humanos? Ou pensa que é uma questão exclusivamente pessoal de cada um que não tem nada a ver com os governos, ou com os estados?

P.R.: Se os governos pudessem trazer-nos paz, já o teriam feito há muito tempo. Então porque não podemos aprender que, se

quisermos paz, temos de trabalhar para isso? Na minha opinião – e isto é só apenas a minha opinião – o papel dos governos é certificarem-se que temos segurança, que temos prosperidade, que temos comida, que temos a infra-estrutura. E assim, que podemos viver do modo que queremos, com a possibilidade de um crescimento físico e externo.

No que diz respeito à paz, eles não estão equipados para isso. Mas você está! Cada um de nós está! Assim, realmente acho que não é justo dizer cabalmente aos governos: "Vocês são responsáveis." Na nossa sociedade de hoje responsabilizamos os governos por demasiadas coisas. Demasiadas coisas. E elas não funcionam, quando responsabilizamos o governo por essas coisas. É realmente importante que cada cidadão se veja a si próprio como um ser humano que dispõe deste tempo ao cimo da Terra e assuma a responsabilidade por isso.

Entrevistadora: Mas então podia dizer-se que isto é um hino ao egoísmo. Qual é a diferença entre procurar a paz dentro, fazer com que as coisas funcionem a partir de nós mesmos, e o egoísmo?

P.R.: Egoísmo é quando faço algo à custa de outra pessoa. Isso é egoísmo. Se eu beber água por ter sede, isso não é egoísmo. Preciso de água. Se há outra pessoa que tem água e ela tem sede, e eu roubo a sua água, isso é egoísmo. Posso pedir para partilhar, posso pedir-lhe para beber um gole, mas arrancar-lha – isso é egoísmo. Compreender o seu próprio ser não é egoísmo porque se está a reconhecer o que já lá está, não está a ser criado, não está a ser feito. Se eu tiver consciência de mim mesmo, isso não significa que você não possa ter consciência de você mesma. Você é você, eu sou eu. Eu posso ter consciência de mim mesmo. Você pode ter consciência de si mesma. Não há conflito. É por isso que não é egoísmo. De facto é ser uma

pessoa completa. É tão espantoso! Quando temos uma pessoa que está feliz, que está clara, é um prazer estar com ela, queremos estar com ela! Gostamos dela. Gostamos da sua companhia. Mas se há alguém que está sempre irritado, sempre triste, sempre furioso, as pessoas evitam-no. Quando você está iluminada, está a dar luz. Se entrar num quarto escuro e houver 50 pessoas nesse quarto e não tiverem velas, mas você tem, todas elas vão beneficiar. Todas elas vão beneficiar, porque você traz luz para o quarto. Não pode dizer: "Não, não, esta luz é só minha." Mas quando a traz, a escuridão desaparece e todas as 50 pessoas vão beneficiar.

Entrevistadora: A Fundação Prem Rawat trabalha aqui no Equador e trabalhou com jovens que vêm de gangues. Ontem ouvimos o testemunho de um jovem que disse que tinha ido até ao fundo, ao mais fundo. Mas ele descobriu essa luz de que você fala e que serviu para ele. Qual é a chave aqui? Qual é o estilo? O que está a ser ensinado nessas escolas de paz?

P.R.: Bem, é muito simples. Durante um período de anos – tal como todos nós – ele tinha posto uma máscara. Sempre que olhava para si próprio, não se via a si próprio – via a máscara. "É isto que eu sou." Essa máscara era sufocante. E eu, através de palavras muito simples, encorajo as pessoas a olharem para dentro. Neste processo, ele tirou a máscara. Ele tirou-a, não fui eu que a tirei. O crédito não devia ir para mim, devia ir para ele. Ele tirou a máscara.

Entrevistadora: Mas pode haver pessoas que não tiram as máscaras.

P.R.: Sim e talvez eu possa ajudar. Mas são elas que vão ter de tirar a máscara. E quando tiram a máscara, podem respirar de novo, sem sufocar e ver de facto a beleza que têm! Porque a máscara foi posta achando que não eram bonitas. Essas ideias vêm do exterior:

"Preciso de ser assim. Preciso de ser assim. Preciso de ser duro. Preciso de ser violento. Preciso de parecer inteligente. Preciso de parecer intelectual. Preciso de parecer rico."

Estou sempre a ver isto. Chego a um sítio, talvez haja um pequeno comitê de boas-vindas e as pessoas estão à minha espera. Mas não estão à minha espera. Às vezes estão à espera de um fato e gravata. E eu apareço vestido à vontade. E já me aconteceu. De facto disseram-me: "Afastem-se! Vem aí uma pessoa muito importante! Afastem-se!" Por isso eu sei do que estão à procura. Entro em qualquer lugar. Se estiver muito bem vestido, dizem "Senhor..." Se estiver vestido à vontade, talvez digam "Olá." A sociedade só olha para o superficial. Porque quando começamos a olhar para nós próprios, então quando olhamos para outra pessoa, podemos também compreender que não temos de olhar para a máscara. Que há uma pessoa aqui, uma pessoa bonita. Porque ali, no seu coração, há uma vela que está acesa. E apreciar: "Eu partilho esta Terra com vocês. Com vocês! Eu partilho esta Terra. Estamos juntos!"

As pessoas perguntam: "Haverá extraterrestres?" Procurou-se a milhões de anos-luz de distância e pensam que pode haver vida. Não estamos a falar de pessoas como nós, mas de bicharocos, de coisas pequeninas. Talvez, talvez possa haver. Tantos "talvez." Querem vida? Deixem-me dar-vos uma morada: a Terra! Há vida aqui. É abundante e é bela! Porque andamos por vezes por aí a destruir tudo o que é belo? Porque não vemos a nossa própria beleza. Como pode um ser humano matar outra pessoa? Isso é tão contra a vida, tão incrivelmente contra a vida. Mas fazemos-lo. Não vemos isso em nós, então não o vemos nas outras pessoas. Vemos causas. Vemos ideias. Vemos pensamentos. Vemos teorias. Vemos todas as outras coisas. Mas não vemos o ser humano. E é tão importante ver a realidade, não



as outras coisas. As outras coisas estão bem, se compreendermos o seu contexto. O que é importante é importante.

Se ficar sem gasolina num carro, estou em apuros, não vou a lado nenhum. Se o rádio deixar de funcionar... não tenho entretenimento até que volte a funcionar, mas pelo menos posso continuar. O que é importante é importante. E a importância dessa auto-realização, compreender quem somos, é mais importante do que a realização de tudo o resto a que estamos agarrados.

---